

INVESTIGANDO FEMININOS NAS RECEITAS DO DIA A DIA

Juzelia de Moraes Silveira - UFG
Leda Maria de Barros Guimarães - UFG

RESUMO

A atual atenção aos estudos sobre o feminino ao longo da história, isto em consonância com a emergência dos estudos do cotidiano, suscita a investigação de modos de construção do referido gênero por meio de fazeres e locais de escrita reflexiva oriundos do dia a dia. Assim, utilizo-me para esta pesquisa de cadernos de receitas como possíveis lugares de escrita de si que, podem não apenas soar vozes ignoradas pela história, bem como podem fazer emergir questões sobre a concepção e construção do feminino em contextos socioculturais específicos. Para tanto, busco em Michel Certeau e Luce Giard (1994; 1996) pensar questões sobre a relevância da escrita e do cozinhar nestes processos de construção identitária, como também valho-me das reflexões de Michelle Perrot (1989) para construir argumentações acerca de possíveis arquivos da história do feminino.

Palavras-Chave: cadernos de receita, feminino, cotidiano.

ABSTRACT

The recent attention to studies about female along the history, this in consonance with the emergence of everyday life, raises the construction's modes investigation of referred genre through activities and reflective writing local from the everyday life. Then, I have used for this research cookbooks with possible written self place's that, cannot only sound ignored voices by history, as well as can make to emerge questions about the female's conception and construction in specific contexts sociocultural. Thus, I seek in Michel de Certeau and Luce Giard (1994; 1996) to think questions about the writing and cook relevancy in process identity construction, I also use the reflections by Michelle Perrot (1989) for construct arguments about possible archives of female's history.

Key words: cookbooks, female, everyday life.

Escrevendo-se

Quando Michel de Certeau (2000) discorre acerca da prática da escrita sob a perspectiva dos fazeres cotidianos, traça apontamentos sobre tal fazer associado a intuições progressistas de concepção e construção da sociedade moderna. Ainda, sugere reflexões sobre a escrita como um fazer legitimador da alta cultura, em sentido oposto à história construída e difundida a partir da oralidade. Mas, a meu ver, uma das questões mais interessantes despertadas pelas considerações de Certeau diz respeito à prática da escrita como um modo de relação reflexiva do sujeito com o mundo em que está inserido.

Quando o autor se propõe a definir o ato de escrever, cita como um dos elementos principais neste processo a página em branco. Sobre isso, menciona Certeau:

(...) um espaço ‘próprio’ circunscreve um lugar de produção para o sujeito. Trata-se de um lugar desenfeitiçado das ambigüidades do mundo. Estabelece o afastamento e a distância de um sujeito em relação a uma área de atividades. Oferece-se a uma operação parcial mas controlável. Efetua-se um corte no cosmo tradicional, onde o sujeito era possuído pelas vozes do mundo. Coloca-se uma superfície autônoma sob o olhar do sujeito que assim dá a si mesmo o campo de um fazer próprio. Gesto cartesiano de um corte instaurador, como um *lugar* de escritura, do domínio (e isolamento) de um sujeito diante do *objeto*. (2000, p. 225)

Esse processo não apenas cria um sistema de ordenação da reflexão acerca de determinado objeto e a relação do sujeito para com esse, mas ainda lança a possibilidade da invenção de mundos. E, assim, a invenção de sujeitos inscritos nestes. A página em branco surge como a possibilidade de apreensão de algo, e nisto reside também a noção desse domínio oriundo do conhecimento da escrita.

Ao criar esse espaço de relação com o mundo, ao tecer comentários, produzir notas reflexivas sobre determinado tema, o sujeito situa-se e relaciona-se com este trazendo para o diálogo aspectos de sua subjetividade. Cria locais de questionamento em que se pensa só, mas não se desloca de seu ser social, traçando assim diálogos (talvez inconscientes) com os inúmeros elementos constituintes do universo que habita, bem como com os inúmeros indivíduos que o constituem.

A página vazia, em branco, evoca os movimentos de uma vida, relatados e organizados por palavras e imagens que dizem de seu autor. Assim constitui-se um diário íntimo, que não necessariamente é construído dia após dia como uma tarefa enfadonha, mas que permite a organização das experiências e reflexões sobre estas de modo fluído. Apesar da noção que se tem sobre o diário como objeto desenvolvido a partir de um único indivíduo, de sua única “voz”, penso-o como um local onde na verdade transitam inúmeras pessoas e elementos que acabam por determinar o processo de autoria. Assim, o diário reflete não apenas as questões trazidas por uma única pessoa, mas traz também a fala de inúmeras outras, suas histórias em conexão às do narrador.

O diário atua como local que acolhe as experiências de determinado sujeito, local de organização da observação acerca do vivido e de como foi vivido. A respeito da organização da experiência individual e de como esta não se dá de modo isolado ao contexto, lembro apontamentos de Martins e Tourinho (2009), que reforçam a concepção de que a experiência individual está inserida invariavelmente em um contexto social, de modo que “construímos nossas experiências individuais de modo relacional, ou seja, sempre em contexto, sempre no mundo social”. (p. 6-7)

Nossas falas e pensamentos individuais são sempre permeados por aquilo que nos afeta e, por conseguinte nos constitui. Assim, é importante lembrar que a escrita que busca pensar as experiências individuais ocorre dentro de determinado contexto farto de elementos passíveis de diálogos com o sujeito.

O sujeito, ao se desvelar, revela a visão que dele têm as subjetividades que o rodeiam. Ou a visão que as alteridades têm daquilo que ele designa como “sua subjetividade”. Nessa relação, a escritura diarística passaria a ocupar uma posição privilegiada enquanto fonte de investigação da constituição identitária sob um enfoque relacional, pois ali se amalgamam as forças do sujeito e do outro, do íntimo e privado. (BARCELLOS, p.51, 2007)

Diante disto, lanço-me a uma investigação sobre a produção de diários femininos, compreendendo esse local de escrita como profícuo instrumento de análise de construções do referido gênero diante de paradigmas sócio-culturais. Locais em que as linhas traçadas pelos relatos do dia a dia contam conformações, projeções, desejos do ser mulher em meio a contextos específicos e por vezes limitados. Escritas que evidenciam as inúmeras pessoas que podem habitar o sujeito, mas que em grande medida só se proferem nos limites íntimos da página em branco.

Surgem, a passos lentos, considerações e estudos que propõem a observação de uma história sob a perspectiva do ponto de vista feminino ou que, no mínimo, busca pensar as distinções produzidas para os sexos dentro de um contexto social e há muito consolidadas mediante a fala produzida pela história. Ao longo dos anos foi construído um discurso e local *para* o feminino, muito mais do que *pelo* feminino. E nisto reside o ponto importante de observação acerca da escrita feminina, que só teve início como uma prática possível às mulheres em fins do século XIX, o qual diz respeito a como tal conhecimento permitiu que pudesse, a

partir da escrita, começar a pensar-se sobretudo dentro de um âmbito sociocultural específico.

Michelle Perrot (1989), ao falar sobre o silêncio dos arquivos no que tange as vozes de mulheres, discorre sobre a importância dos diários como locais que evocam a perspectiva feminina de dado contexto e momento histórico. Contudo a autora menciona o difícil acesso a este material uma vez que era prática comum ainda no início do séc. XIX a queima desses diários realizada por suas próprias autoras. De mesmo modo que a leitura era algo mal visto quando praticada por mulheres, a escrita também era considerada desviante dos propósitos ao qual elas deveriam lançar-se: o casamento e o lar. Deste modo, como comenta a autora, frequentemente a escrita era realizada às escondidas por caracterizar-se como uma transgressão. Logo, a queima desse material apagaria os registros dessa transgressão, desse limite ultrapassado que não fazia parte do mundo para elas construído. “Desse modo, as mulheres, frequentemente, apagam delas mesmas as marcas que adquiriram dos passos que deram no mundo, como se deixá-las transparecer fosse uma ofensa à ordem” (PERROT, 1989, p.12)

A partir do estudo de arquivos oriundos de escritos femininos é possível a observação de uma história construída diante de outra perspectiva não relatada nos livros. Faz-se possível a relativização, bem como maior compreensão de determinados fatos e momentos históricos. Solidifica-se na atualidade um interesse em observar, estudar a história daqueles que historicamente tiveram suas vozes ignoradas, nisto buscando mapear as trilhas dos sistemas de poder que atuam sobre a sociedade que habitamos. Segundo Salomon

Há uma luta e uma *vontade de saber dos arquivos*, quer dizer, torná-los acessíveis, disponibilizá-los à mesa de leitura e transformá-los em objeto de interrogação histórica, deslocá-los das sombras que o poder lhes reservou, dá-los à luz do dia do conhecimento. (...) Com os arquivos, *saber dos ausentes* é possível. (2001, p. 8)

Assim, os diários femininos podem ser pensados não como meros locais constituídos por relatos irrelevantes do dia a dia, mas como brechas de um colocar-se no mundo diante do modo como o mundo permitia. Por trás de simples relatos de fazeres cotidianos, olhares sobre a vida comum, habitam histórias que remontam sistemas de organização política e distinções entre os papéis possíveis para os

distintos sexos no âmbito social. Uma história erigida sob o ponto de vista feminino, sem o propósito de construir considerações históricas, mas que ganha por meio da perspectiva contemporânea a relevância de material rico de elementos que traçam momentos passados.

Maria Teresa Cunha (2006) faz referência a inúmeras questões perceptíveis por meio da análise de diários femininos, que permitem construir um panorama da vida feminina em meados do século XIX. Em suas notas fica clara também a distinção que se percebe em relação à vida feminina em classes sociais distintas, isto observado por meio da produção escrita de um caderno íntimo, o que já enfatiza a relação do conhecimento associada às classes sociais mais abastadas, bem como relaciona a produção destes diários em razão das casas possuírem cômodos individuais em que as moças poderiam meditar na privacidade de um local só seu. O que evidentemente não era possível para meninas pertencentes a famílias mais pobres e que mal possuíam um local digno para moradia. A produção destes diários também estava conectada ao ócio da mulher burguesa e de seu preparo para vida matrimonial.

Por receberem pouca ou mesmo nenhuma formação profissional, não podiam aspirar a um trabalho e ficavam mais resignadas a espera do casamento. Além disso, o diário servia para prolongar o aprendizado da escritura. Através dele, as escreventes interiorizavam normas sociais e aprendiam um certo domínio sobre si mesma, mas parece consensual o fato de que havia poucas mulheres que continuassem o diário depois do casamento. (CUNHA, 2006, p. 121)

Perrot (1989) ainda reforça a questão destes diários serem abandonados após o casamento por não condizerem com a vida matrimonial, “o pessoal e muito íntimo são banidos como indecente” (p.14), menciona a autora. Nos estudos de Cunha ainda há um ponto que merece atenção acerca da produção de diários femininos, o qual diz respeito ao fato de que estes eram fruto de uma concepção econômico burguesa. Neste período as mulheres de famílias burguesas eram as responsáveis pela administração dos arquivos do lar, gerenciando, por exemplo, os livros de contas e as correspondências familiares. Isto sugere o quanto os pensamentos desenvolvidos acerca da vida íntima, das questões cotidianas que mereciam atenção, descritas por meio do relato, estavam intrinsecamente ligados à condição de administradora do lar e à família.

Ou seja, a aprendizagem da escrita estendida às mulheres, apesar de configurar uma conquista, não foi a parte de uma estrutura social masculina lançada para o feminino. A escrita feminina ancorava-se em um projeto educativo voltado às necessidades da sociedade moderna, contudo, não ampliando o local de submissão bem delimitado e destinado às mulheres. Considerando-se que estes diários íntimos foram durante muito tempo incentivados por padres e professores como um meio de reflexão (e controle) sobre si, constituiu-se em um mecanismo de auto-vigia implantado por um modelo de conduta da sociedade patriarcal moderna.

Tais objetos íntimos surgem então como arquivos da trajetória de conquistas femininas e ainda das forjadas conquistas atribuídas ao gênero. E nisto não negligencio a importância do acesso ao letramento, apenas diante justamente de uma perspectiva histórica que se propõe ao estudo dos fatos não como um roteiro a ser observado, mas sim a ser pensado por meio de pontos de vista múltiplos, relativizo de que modo a escrita foi efetivamente relevante para fazer soar a voz das mulheres para além do espaço permitido a elas.

Contudo, o crescente interesse em arquivos que relatam histórias de pessoas comuns e que possuíram pouca ou nenhuma atenção nos registros históricos – e nisto a atenção a escritos femininos – aponta para a compreensão da relevância de dados oriundos das cotidianidades, bem como daqueles sujeitos que por muito pareceram irrelevantes como constituintes de uma história bem mais complexa do que se teve conhecimento até a atualidade. Ainda, a riqueza contida nos detalhados relatos presentes nestes diários, bem como a densidade proporcionada pelo narrar para si mesmo a intimidade, sem a preocupação com o mundo exterior, deixa por vezes a sensação de uma veracidade maior de informações oriundas desses arquivos pessoais. Entretanto, buscando não cair no tentador juízo de valor, penso os diários no mínimo como significativos objetos que evocam por meio de relatos cotidianos pessoais, identidades construídas em meio aos inúmeros âmbitos de sistemas sociais específicos.

Na contemporaneidade a escrita reconfigura-se sendo significativamente afetada pelos inúmeros mecanismos de comunicação a que se tem acesso com facilidade. Nestes estão presentes também novas configurações acerca do gênero feminino, que *a priori* sugere as inúmeras transformações no que diz respeito a este

e a seu espaço, mas em que também são possíveis observações acerca de como determinadas questões referentes à submissão permanecem sólidas, mesmo quando, por vezes, veladas. Neste sentido, ao se propor atentar para as transformações pelas quais passou a mulher ao longo destes anos, buscando em diários íntimos a reflexão sobre questões que definiam suas condutas e espaços, é importante também investigar possíveis locais e modos de escrita na contemporaneidade (blogs, facebook, twitter...) que narram a história atual a partir das práticas cotidianas.

Nestes modos de escrita feminina, de relatos cotidianos em locais que abrem-se ao registro de construções identitárias, a escrita de si parece reconfigurar-se e ter seu sentido expandido para além das palavras e linhas. Esta parece aberta ao diálogo com recursos visuais, à inserção de objetos e elementos que engendram o colecionismo de peças do dia a dia. E aqui encaminho a consideração para o foco de atenção deste artigo, uma vez que intencione pensar nos cadernos de receitas culinárias como locais de reflexão sobre o feminino e que, a meu ver comumente foram produzidos por meio de escrita, mas amiúde abertos à inserção de artefatos que relatam não apenas hábitos alimentares dos sujeitos que os produziram, mas permitem a observação de questões que transitam por detrás do fazer culinário. Para tanto, buscarei pensar nas questões referentes, construções do feminino por meio da perspectiva dos cadernos de receita, compreendendo-os como arquivos que relatam motes para além da culinária.

A receita de feminino de hoje é...

Na cozinha despontam as relações de gênero, de geração, a distribuição das atividades que traduzem uma relação de mundo, um espaço rico em relações sociais, fazendo com que a mesa se constitua, efetivamente, num ritual de comensalidade. A cozinha se reafirma, portanto, como um espelho da sociedade, um microcosmo da sociedade, uma imagem da sociedade, valores esses demonstrados pelos cadernos de receitas. (SANTOS, p.2, 2008)

Como bem cita Santos, por meio da cozinha, dos registros culinários em cadernos de receitas, podemos traçar um panorama histórico-social a partir das cotidianidades que dela emergem. Pode-se também conhecer mais amplamente determinada cultura e os atores que dela participam e participaram. As atividades desempenhadas por cada sujeito no que tange à culinária evoca o olhar sobre

modos de ser e agir mediante um contexto específico, construído sob preceitos e normas em que amiúde as relações entre os gêneros são evidenciadas.

A alimentação e o fazer culinário, engendram questões que vão muito além ao mero preparo de um alimento. As ritualizações presentes nestes (convite para a ceia, preparativos para a realização do prato, modos de servir, gestualidade do alimentar-se...) denotam particularidades de grupos específicos e sugerem olhares acerca dos indivíduos dentro destes grupos e seus processos de aquisição e reprodução de saberes e condutas. Ou seja, a partir da cotidianidade em que habitam os fazeres culinários, vislumbram-se pela repetição de gestos, perpetuação e ressignificação de costumes, sistemas de tradição bem como seus desdobramentos (GIARD, 2003)

Destes elementos, rituais e condutas, pode-se verificar em cadernos de receitas culinárias o espaço que registra tais assuntos e ainda, a abertura ao diálogo entre a culinária e suas relações com demais questões da vida social. Neste sentido é relevante mencionar que dentre os variados modos de produção de cadernos de receita, um dos que mais me desperta a atenção, sendo objeto de meu estudo, é a estruturação do caderno como um local onde as receitas dividem seu espaço com elementos e informações que não necessariamente se referem à comida. Assumem de certo modo a função de um diário aberto a relatos pessoais que se configuram para além da narrativa escrita. E, sobretudo, relatos pessoais que possivelmente não se percebem como tal, mas que por meio das escolhas dos temas que adentram o caderno, acabam sugerindo traços da identidade de um indivíduo.

Para o desenvolvimento de tais reflexões, parti inicialmente da observação do caderno de receitas de minha mãe, sobretudo por sempre ter me encantado a forma como criava um local repleto de informações das mais distintas ordens. Neste, recortes de revistas e jornal, poesias, artigos sobre beleza e dicas para o cuidado do lar, habitam o mesmo lugar que as receitas que frequentemente adquiria, mas que dificilmente concretizavam-se (seja pela falta de público aberto a experimentá-las, seja pelo valor a ser despendido para a realização dos pratos). Impulsionada por este objeto, senti desde cedo desejo de produzir meu caderno de receitas, construído de mesmo modo que o dela. Contudo, fui percebendo em sua construção o evidente fato de que as questões que adentravam em meu caderno eram sobre

temas diferentes aos escolhidos por minha mãe. Nisto, fui observando variações de construção de um mesmo gênero em momentos temporais distintos e evidenciados por meio de registros contidos em um caderno de receitas, enquanto fazer cotidiano.



Fig. 1 – Imagem de páginas do caderno de receitas de minha mãe.



Fig. 2 – Fragmentos de páginas de meu caderno de receitas.

Percebo assim, variações de construções e de referências de gênero que se desdobram com o passar dos anos e mediante os afetos de tempos distintos, estes passíveis de análise por meio de uma produção caracterizada justamente pela perpetuação de tradições. Assim, mantêm-se os objetos, contudo, reconfiguram-se suas formas e elementos de construção.

Quando Marlon Salomon discorre sobre a imersão nos arquivos para além da crença na certeza proporcionada pela metodologia da ciência historiadora, menciona que esta imersão “não é o encontro com os papeis inertes da história, mas do pensamento como uma potência ativa. Que põe a inteligência em alerta. Que mobiliza o pensamento” (SALOMON, 2001, p. 34.). Deste modo, penso estes cadernos como arquivos que não apenas registram sistemas de tradições perpassadas amiúde de mãe para filha, mas sobretudo como objetos determinados por estruturas reguladoras de condutas para o gênero feminino. Ou seja, estes registros que outrora poderiam ser verificáveis apenas como pertencentes exclusivamente ao âmbito da culinária, podem ser observados diante de uma perspectiva voltada aos estudos de gênero como ricas fontes de investigação acerca da construção de discursos e condutas em torno deste tema.

Estes discursos que permeiam os cadernos não se configuram aprisionados em seu tempo de origem, são passíveis de desdobramentos de significados outros ao estabelecerem conversas com as transformações dos tempos. Entretanto, estes objetos carregam referências sobre concepções, posturas em torno da questão do feminino construídas ao longo dos anos e que de alguma forma atuam no modo como concebemos comportamentos a serem adotados por mulheres.

Assim, ao se construir um olhar investigativo sobre como os cadernos de receitas culinárias, que aqui comprehendo como possíveis arquivos, pode-se remontar discursos de épocas anteriores e também evocar questões que perpetuam-se e reverberam em outras tantas. Partindo desta concepção, ao recorrer aos cadernos de receitas pensando-os em sua capacidade arquivística e ainda enquanto dispositivo de reflexão sobre questões que tangem o feminino, comprehendo a possibilidade de estabelecer diálogos entre modos de engendrar e pensar um mesmo objeto em tempos distintos e as reconfigurações dos enunciados ao passar dos anos.

Vivemos num mundo social que tem uma história. Os repertórios interpretativos que nos servem de referência foram histórica e culturalmente constituídos. Trabalhar no nível da produção de sentidos implica retomar também a linha da história, de modo a entender a construção social dos conceitos que utilizamos no *métier* cotidiano de dar sentido ao mundo. (SPINK, 2004, p.49)

Neste sentido, busco pensar como, a partir das páginas constituintes dos cadernos de receitas de mãe e avós, gastas e demarcadas pelos efeitos de seu uso cotidiano, surgem produções caracterizadas por modos variados de construção e que carregam em si referências de seu tempo, bem como sugerem o desenvolvimento e perpetuação de determinados modos de conceber e dizer os gêneros. Entretanto, por vezes, inevitavelmente acabo trazendo discursos pessoais carregados por concepções construídas sob a afirmação de meu gênero (feminino) em sua busca por espaços igualitários.

Ao iniciar meu caderno de receitas, fui agregando às suas páginas referências de vivências cotidianas que contam acessos a âmbitos que outrora não eram possíveis ao gênero feminino. Assim, ao encontrar em meu caderno de receitas registros de eventos em que participei, apresentando trabalhos científicos, remeto-me tanto à acessibilidade à escrita, que por longo tempo não fez parte das aprendizagens de mulheres, como também à possibilidade de adentrar o espaço acadêmico, o qual apenas ocorreu efetivamente no início do séc. XX.

Quando penso o caderno de minha mãe, observo em artigos extraídos de jornais e revistas seu interesse pela leitura, entretanto, limitada a esses meios. A grande maioria dos temas de que tratam estes escritos são sobre alimentos que fazem bem para a saúde, dicas de beleza, poemas e sugestões para o cuidado do lar (como tirar manchas de roupas, investir na decoração...). É importante mencionar que minha mãe só completou o equivalente ao atual 5º ano de escolaridade, em razão de seus pais acreditarem que era desnecessária a continuidade de seus estudos, tendo em vista que o planejamento para sua vida era, como a das demais moças de seu contexto social e temporal, casar-se e constituir família.

Outro aspecto importante a ser observado em seu caderno é sobre prováveis desejos não concretizáveis em razão de sua conduta de esposa e mãe (a qual havia sido ensinada e que vinha sendo perpetuada geração após geração). A grande maioria das receitas que faziam parte de seu caderno não eram realizadas,

bem como as imagens de locais e eventos que recortava não eram por ela frequentados. Havia ali um choque entre o ensinamento que lhe foi dado sobre o modo de ser mulher, em contrapartida com tudo o que o mundo foi oferecendo ao longo dos anos e com as mudanças no que tangem aos acessos femininos.

Seu local ainda era o privado, como lhe foi ensinado. Logo, é possível pensar que

(...) os modos de registro das mulheres estão ligados à sua condição, ao seu lugar na família e na sociedade. O mesmo ocorre com seu modo de rememoração, da montagem propriamente dita do teatro da memória. Pela força das circunstâncias, pelo menos para as mulheres de antigamente, e pelo que resta de antigamente nas mulheres de hoje (o que não é pouco), é uma memória do privado, voltada para a família e o íntimo, os quais elas foram de alguma forma delegadas por convenção e posição. (PERROT, 1989, p.15.)

Pelas palavras da autora, penso a utilização de um caderno de receitas, este local especialmente destinado ao uso de esposas e mães, como um modo de poder-se dizer (contando não somente a vida que transcorria, mas também a que se deseja e sonha) por meio da produção de um objeto que sugere o feminino dentro de uma perspectiva patriarcal, mas que é subvertido, mesmo que mediante uma construção silenciosa e nos limites de suas páginas.

Observando o caderno de minha mãe, vou verificando referências desse recolhimento ao domínio do lar e da realização de suas atividades em razão de sua vida familiar. Ao contrário dela e possivelmente em uma atitude relativamente inconsciente de seguir um caminho oposto ao seu (que eu considerava marcado pela submissão) fui inserindo em meu caderno folhetos de restaurantes e eventos que frequentei, de coisas que realizei. Esses elementos não dizem respeito apenas a um feminino que tem acesso ao âmbito público e realizações que ultrapassam as atividades do lar, mas também a um desejo de registrar o sonhado e vivenciado.

Carlos Roberto Antunes dos Santos (2011) menciona que tanto algumas receitas podem permanecer ao longo dos anos, como outras podem facilmente desaparecer, o que segundo ele evidencia que “a cozinha não é apenas espaço das criações e repetições, mas também das destruições.” (p.3). Reconfiguro sua reflexão pensando as receitas do ser mulher, que bem como as receitas culinárias são frequentemente carregadas por modelos comportamentais anteriores e que tendem

a se repetir ao longo das gerações, entretanto também podendo diante das transformações do tempo caminhar em sentido totalmente oposto ao padrão, ao estabelecido como referência.

Ao comparar os dois cadernos percebo distinções nos modos de dizer-se mulher marcados por distintas referências e concepções acerca desse gênero. A observação dos elementos, os critérios e motivações de escolha destes, o diálogo entre as receitas e outros conteúdos que percorrem o contexto da produtora do caderno, todos estes são possíveis meios de pensar a construção do feminino em espaço e tempos específicos. Esse objeto que guarda receitas que podem desdobrar-se em experiências (ou o movimento contrário, visto que às vezes cozinhamos e depois registramos), também pode ser local de abrigo de desejos que não parecem possíveis diante do contexto do qual faz parte seu autor.

Quando Perrot (1989) faz menção ao silêncio dos arquivos no que diz respeito à história feminina, comenta que a atenção dada às mulheres de tempos passados em geral constitui-se de generalizações “se detém pouco sobre as mulheres singulares, desprovidas de existência, e mais sobre “a mulher”, entidade coletiva abstrata à qual se atribuem as características habituais” (p. 11). Isto é reflexo da escassa (senão inexistente) participação das mulheres em questões da esfera pública, bem como do desinteresse em relação às atividades exercidas por mulheres ao longo dos anos, estas não reconhecidas como pertinentes na construção da sociedade em que vivemos. A respeito disso Luce Giard infere:

Neste nível de invisibilidade social, neste grau de não reconhecimento cultural, coube há muito tempo e ainda cabe, como de direito, um lugar às mulheres, uma vez que, em geral, não se dá qualquer atenção às suas ocupações cotidianas. (...) Trabalhos que visivelmente nunca acabam, jamais suscetíveis de receber um arremate final: a manutenção dos bens do lar e a conservação da vida da família parecem extrapolar o campo de uma produtividade digna de ser levada em conta. (GIARD, 1996, p. 217)

Tecendo diálogo entre as duas autoras, reflito sobre como estas atividades imprescindíveis, porém silenciosas, outrora responsáveis por demarcar os limites de compreensão e atenção ao feminino, agora podem ser elas mesmas observadas como sugestões das inúmeras mulheres e personalidades distintas que podem habitar e constituir esse gênero. São justamente as ações que perpetuaram (e ainda hoje perpetuam significativamente) a concepção de mulheres como imagens de

“rainhas do lar” que podem ajudar na reobservação histórica diante de uma perspectiva que comprehende ambos os gêneros em sua construção. São objetos íntimos produzidos por elas que podem suscitar o olhar sobre as receitas de como construir-se mulher em cada contexto específico.

Que modos de fazer-se sugerem os cadernos de receitas?

A investigação de um objeto tradicionalmente construído por mulheres traz a observação sobre vozes que no passado estiveram fora dos interesses acadêmicos e ainda a compreensão sobre a relevância de tecer outros olhares sobre temas que foram construídos ao longo da história apenas sob perspectiva masculina. Neste sentido, o que podem suscitar os cadernos de receita é a atenção sobre como foram determinados os espaços destinados às mulheres, bem como ainda o são.

Os processos de acesso a inúmeros âmbitos e fazeres que durante muito tempo foram exclusivos de homens – incluindo a questão da aprendizagem da leitura e escrita – contam histórias de realizações, bem como do árduo caminho traçado para que estas se fizessem possíveis. É possível verificar também que mesmo algumas questões observadas como conquistas ainda desenvolvem-se por meio de condições desiguais, em que se passa a ter acesso a um espaço tradicionalmente masculino, mas ainda tendo a responsabilidade em relação a um outro, feminino. Deste modo, a tão proferida igualdade entre os sexos, a qual se acredita estarmos atingindo efetivamente, deveria na verdade ser observada não apenas nos termos dos espaços conquistados, mas também dos ainda impostos às mulheres e considerados como femininos.

Na produção e perpetuação de certos objetos, de fazeres cotidianos, há possibilidade de reiteração de normas e padrões, bem como a possibilidade de subverter seu uso tradicional. Assim, a produção de um local que se origina do intuito de trocar e compartilhar receitas culinárias, mas que também abre-se à incorporação de elementos e falas que evidenciam a mulher que os produz, a meu ver constitui-se como um profícuo material de investigação acerca do feminino e dos processos de construção deste no âmbito social.

Referências:

- BARCELLOS, Sergio. "Aproximações: Teorias contemporâneas da Literatura, Identidades e Diários". In: **Terra Roxa e outras terras** – Revista de Estudos Literários, vol. 9, 2007, pp. 45-124. ISSN 1678-2054 <http://www.uel.br/cch/pos/letras/terraroxa>.
- CERTEAU, Michel. **A Invenção do cotidiano**: 1. Artes de fazer. Petrópolis: Ed. Vozes, 1994.
- _____ GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. **A invenção do cotidiano**: 2, morar,cozinhar. Petrópolis: Artes de Fazer, 1996.
- CUNHA, Maria Teresa Santos. **Escrever sobre si diários íntimos e construção de subjetividades**. In.: SOMMER, Luís Henrique; BUJES, Maira Isabel Edelweiss. Educação e cultura contemporânea – articulações, provocações e transgressões em novas paisagens. Canoas: Editora da ULBRA, 2006.
- MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene. Pesquisa narrativa: concepções, práticas e indagações. In: **Anais do II Congresso de Educação, Arte e Cultura** – CEAC. Santa Maria: 2009.
- PERROT, Michelle. "Práticas da memória feminina" Revista Brasileira de História. São Paulo, v.9, n.18, ago-set. 1989, p.9 – 18.
- SALOMON, Marlon (org.). **Saber dos arquivos**. Goiânia: Edições Ricochete, 2001.
- SANTOS, Carlos Roberto Antunes. Os pecados e prazeres da gula – os cadernos de receitas como fontes históricas. Disponível em <<http://www.poshistoria.ufpr.br/fonteshist/Carlos%20Antunes.pdf>>. Acesso em 08 de dezembro e 2011.
- SPINK, Mary Jane (org.). **Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas**. São Paulo: Cortez Editora, 2004.

Juzelia de Moraes Silveira: Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Arte e Cultura Visual/PPGACV, Faculdade de Artes Visuais - Universidade Federal de Goiás. Mestre em Artes Visuais pelo Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais/PPGART, Bacharel e Licenciada em Artes Visuais, todos pela Universidade Federal de Santa Maria/RS. Bolsista REUNI- CAPES. juzeliamoraes@gmail.com

Leda Guimarães: Professora da Faculdade de Artes Visuais - UFG. É doutora em Artes pela ECA-USP e mestre em Educação pela UFPI. É vice-presidente da Federação dos Arte Educadores do Brasil -FAEB, representante do Brasil no CLEA- Conselho Latinoamericano de Educação para a Arte e representante da América Latina no Conselho Mundial do InSEA - International Society of Education through Art.